

Cais Clemente Ferreira é exemplo de suc

Numa área de 240 mil metros quadrados, em Lins, a instituição centraliza seu trabalho na atenção extra-hospitalar

O Centro de Atenção Integral à Saúde (Cais) Clemente Ferreira foi criado em 1955, inicialmente para o tratamento de pessoas com tuberculose. Só em 1978 foi transformado em hospital psiquiátrico, com o objetivo de abrigar parte dos pacientes do Juqueri, de Franco da Rocha, que estava em processo de desativação.

A instituição estadual vinculada à Secretaria da Saúde localiza-se numa grande área arborizada de 240 mil metros quadrados, composta por dois lagos para o tratamento de água e um campo de futebol de tamanho oficial. A área construída é de 33 mil metros quadrados, com quatro blocos de prédios para internação (4,5 mil metros quadrados cada um), além de outros destinados às áreas administrativas e de apoio assistencial e técnico.

Tem lavanderia, almoxarifado, capela, oficina de trabalhos experimentais e até cinema, além de casas para os pacientes. Numa delas funciona o Centro de Convivência Infantil, que atende aos filhos de funcionários. Na outra, o Caps III, serviço comunitário ambulatorial para atendimento de emergência em transtornos mentais durante 24 horas e, nas demais, as Residências Terapêuticas.

Hoje em dia, são 300 os moradores do local, sendo 160 pacientes neurológicos e 140 de psiquiatria, divididos em quatro núcleos chamados Gerência de Atenção Integral à Saúde (Gais). O primeiro núcleo presta serviços de atenção neurológica e reabilitação psiquiátrica para adultos. O segundo oferece atendimento a crianças, adolescentes e adultos portadores de paralisia cerebral com dis-

túrbios neurológicos (a maioria com deficiência mental grave ou severa). O terceiro núcleo reúne os serviços de Residência Terapêutica e o Caps III (ambulatório para atendimento de emergência). O último abrange unidades de internação integral para moradores de longa permanência em reabilitação psiquiátrica e outra unidade composta por moradores de Lar Abrigado, modalidade que consiste na preparação para as Residências Terapêuticas.

No atendimento, há uma equipe multidisciplinar com cerca de 750 profissionais, entre eles terapeutas ocupacionais, psicólogos, fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, nutricionistas, além dos administrativos.

Dia-a-dia de criação – A rotina da instituição é caracterizada pela livre circula-

ção dos moradores na maior parte do tempo e por várias possibilidades de atividades. Com exceção do núcleo destinado aos portadores de paralisia cerebral em grau mais severo e de outros distúrbios graves, entre eles bebês e crianças, as unidades só são fechadas à noite.

Durante o dia, a movimentação constante tem como principais destinos, além das áreas abertas repletas de árvores e jardins, o Núcleo de Ações Terapêuticas (NAT) e as salas de alfabetização do Cais. Essas são resultantes do *Projeto de Inclusão Educacional* criado em 1998 com 11 pacientes que sentiam vontade de aprender a ler e escrever. Como boa parte deles chega à instituição analfabeta ou semi-analfabeta, a iniciativa teve grande sucesso. Hoje, além das parcerias para frequência de moradores em cursos de alfabetização de adultos na cidade, ela dispõe de quatro classes hospitalares, ou seja, no próprio Cais. O ano de 2007 terminou com 124 pacientes no projeto.

Já o NAT é uma festa para os sentidos. No prédio que abriga o núcleo, as salas são locais de intensa e criativa produção. Há oficinas de pintura (telas, tecidos e madeira), bijuteria, papel de bala, artesanato (tapeçarias, bordados, crochê), diversidade (tapetes de retalho, etc.), cozinha terapêutica e de gera-



Cais, em Lins: criado em 1955 para tratar tuberculosos; vinte



Residências Terapêuticas: supervisionadas pelo Caps III, estimulam autonomia



Atividades manuais: dia-a-dia do Cais



Durante o dia, a movimentação no Cais é constante, como o ensaio do Coral Melodia, uma das atividades do NAT

ção de renda (com coleta seletiva e venda de produtos confeccionados com eles).

Além disso, são promovidos debates sobre temas como socialização e sentimentos no grupo chamado Raio de Luz e por meio das atividades de teatro do Arte e Vida e musicais do Coral Melodia.

Os produtos que resultam das diversas oficinas são vendidos no bazar aberto à comunidade duas vezes por mês, com arrecadação revertida para um fundo em benefício dos pacientes. "Cantores, atores e atrizes" (moradores e funcionários), oriundos das iniciativas, também levam sua arte à comunidade em apresentações a convite de empresas, entidades e instituições das cidades vizinhas.

A responsável pelo NAT, Nanci Maria Romério, explica que os pacientes são encaminhados para as atividades pelos seus núcleos, de acordo com os interesses e habilidades de cada um. "A partir disso, é feita uma avaliação para que ele possa ser adaptado", conta. "Eles ficam muito satisfeitos com os resultados".

Programas estaduais da Secretaria da Saúde, como o *Cantinho da Beleza* (salão para atender pacientes internados com serviços estéticos, como manicure e corte de cabelo, no intuito de promover a auto-estima) e o *Jovens Acolhedores*, no qual estudantes universitários prestam apoio em hospitais da rede pública em troca de bolsas de estudo para a graduação, também têm seu espaço no NAT. Assim como a ajuda externa de instituições educacionais, culturais, religiosas e particulares, por meio de parcerias, e de voluntários, que garantem aulas específicas a alguns pacientes ou serviços especiais. O de podologia é um deles.

Socorro evita internação – O atendimento ambulatorial comunitário tem lugar no Cais por meio do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) III, que funciona durante as 24 horas do dia para receber pacientes em crise encaminhados por consultórios particulares ou por outros ambulatórios de oito cidades da região. "Mas há os que chegam sozinhos e não deixam de ser acolhidos", diz a diretora, Maria de Lourdes Delapunte.

Com uma equipe de médicos psiquiatras, enfermeiros e psicólogos, o local dispõe de leitos para permanência de, no máximo, 72 horas. É o tempo necessário para o socorro de enfermagem, ou seja, a administração de medicamentos para controle da urgência. Depois disso, a intervenção se dá em três regimes: o intensivo (com frequência de quatro dias na semana para realização de terapias e atividades; semi-intensivo (a cada sete dias); e não-intensivo (a cada 15), para tratamentos que duram, em média, três meses. O transporte dos moradores de Lins é feito pelo próprio Caps e dos de outros municípios pelas prefeituras.

Em média, 27 pessoas procuram diariamente o Caps III. Seu trabalho é orientado pela intenção de evitar a internação. Com esse objetivo, as famílias dos pacientes também são atendidas, em preparação para lidar com o problema, e constantemente são desenvolvidas alternativas de terapia para os usuários. O Serviço de Orientação e Atendimento Domiciliar (Soad), no qual uma equipe multidisciplinar visita o paciente em casa periodicamente, é uma delas. É direcionado para casos de retardo leve e moderado.